

**Intervenção da Presidente Roberta Metsola perante o Conselho Europeu,  
27 de junho de 2024**

Obrigada, Charles.

Começo por dizer que o Parlamento Europeu se congratula com o novo pacto de cooperação em matéria de segurança assinado entre a Ucrânia e a União Europeia.

Estive em Kiev pela última vez no dia 9 de maio. As autoridades ucranianas explicaram-me todas as diligências e as reformas efetuadas em preparação da abertura deste novo capítulo nas nossas relações. E permitam-me destacar que a vinda do presidente Volodymyr Zelenskyy aqui, para assinalar a ocasião, se reveste de importante valor simbólico e é prova do compromisso mútuo que assumimos para com a nossa segurança comum e o nosso destino partilhado.

O passo dado para encetar as negociações formais de adesão à UE com a Ucrânia e a Moldávia, no decurso deste mês, é significativo e importante. O Parlamento Europeu tem sido um acérrimo defensor do lançamento das negociações de adesão à UE. Não vou reiterar todos os benefícios do nosso instrumento geopolítico mais impactante, mas quero, sim, agradecer à Presidência belga por ter convocado estas primeiras conferências intergovernamentais e, ao fazê-lo, ter dado um passo estratégico importante para a União Europeia. Preparar a nossa União para o alargamento deve continuar a ser uma das principais prioridades durante o nosso próximo ciclo institucional.

Passaram duas semanas e meia desde as eleições europeias. Hoje, podemos afirmar que temos uma visão muito mais clara do que as pessoas esperam de nós nos próximos cinco anos. O desafio consiste agora em traduzir estas mensagens do eleitorado num programa político sério, concretizável e aplicável para a União Europeia.

Sáímos de um longo período de campanha eleitoral; as pessoas disseram de sua justiça e todos devemos agora ponderar as mensagens que enviaram sobre aquilo que esperam de nós.

As pessoas clamaram pela defesa inabalável dos nossos valores e por que a segurança continue a ser uma prioridade absoluta, o que significa que o nosso apoio à Ucrânia deve prosseguir.

E significa fazer mais para aumentar a capacidade de resposta da Europa a qualquer tipo de crise, aumentando também a sua autonomia estratégica. Nesse sentido, é uma necessidade premente desenvolver uma verdadeira política comum de segurança e defesa, que complemente a NATO sem com ela competir.

Construímos já, na atual legislatura, alguns destes alicerces. Trabalhámos em conjunto para aumentar as nossas capacidades, diminuir as duplicações e reduzir a fragmentação das indústrias de defesa. A criação de uma sólida base industrial de defesa será o passo seguinte.

Este aspeto está, evidentemente, interligado com o debate sobre a competitividade europeia, que é fulcral do ponto de vista económico e político. Nos últimos anos, assistimos a uma mudança na interação das potências económicas mundiais, nas trocas comerciais que estabelecem entre si e na análise que fazem das suas próprias indústrias em relação à Europa. Esta mudança sublinha a necessidade de reforçar a posição da Europa na cena mundial.

Não se deduza daqui que devemos isolar-nos. A nossa economia tornou-se mais forte ao longo dos anos precisamente porque defendemos o contrário: um comércio aberto, equilibrado e justo, baseado em regras internacionais, e a expansão da nossa rede de acordos comerciais com parceiros celebrando e ratificando os acordos que temos em preparação. Precisamos de redobrar os nossos esforços.

O fortalecimento da competitividade europeia implica ainda que aprofundemos o mercado único para que volte a estar à altura das necessidades do contexto atual, mormente das transições ecológica e digital das nossas economias. Só aumentando a produtividade e acelerando os investimentos em capacidades industriais próprias, conseguiremos reduzir as dependências estratégicas sem deixar de apoiar e sustentar o crescimento económico.

O mercado único é o nosso maior propulsor económico e isso deve refletir-se num nivelamento por cima das nossas comunidades. É assim que proporcionamos aos nossos cidadãos a esperança de encontrar habitação adequada. É assim que suprimos as desigualdades sociais e que combatemos a pobreza intergeracional e a exclusão social que continuam a afetar as nossas comunidades.

As pessoas querem soluções políticas e estratégicas da nossa parte – e estas acarretam custos. Se pretendemos ter a capacidade e a liquidez necessárias para financiar as soluções que nos são exigidas pelos nossos cidadãos, se pretendemos fazer crescer as nossas economias e pagar as nossas dívidas, temos de nos esforçar seriamente por encontrar formas inovadoras de fomentar quer o investimento público quer o privado.

O primeiro aumento de sempre dos limites máximos numa revisão intercalar do atual orçamento a longo prazo da UE foi um importante passo na direção certa, porém, teremos em breve de nos preparar para o próximo quadro financeiro plurianual. Neste contexto, temos de assegurar um orçamento que seja adequado à sua finalidade.

Temos também de debater com seriedade a fragmentação do nosso setor financeiro e, mais especificamente, os obstáculos aos fluxos de capitais na nossa União. Estou ciente de que este problema não é novo, mas é certo que adquiriu um novo carácter de urgência.

Se queremos efetivamente mobilizar capital privado para investir nas nossas prioridades e incentivar as nossas empresas a permanecerem na Europa, temos também de concluir a nossa União Bancária e a nossa União dos Mercados de Capitais. Assim, manteremos o crescimento económico e criaremos novos empregos de qualidade e futuros dignos. Não podemos permitir que os nossos cidadãos percam esta oportunidade.

As pessoas estão preocupadas com a hipótese de não conseguirem pagar as suas faturas, de não conseguirem manter o emprego ou de talvez nunca conseguirem comprar casa própria. A mensagem do eleitorado nesse sentido deve ser um convite à reflexão.

Cabe-nos a responsabilidade de dar resposta a essas preocupações com ambição e discernimento. Porque a realidade é que, embora os nossos objetivos sejam os mais ambiciosos à escala mundial – o que deve ser e é motivo de extremo orgulho –, existe o risco de os encargos e a burocracia travarem os progressos.

Cada regulamento pode justificar-se por si só, no entanto, se considerados no seu todo, temos de velar por que não se tornem excessivos. As nossas propostas devem servir as famílias, a indústria, os agricultores. No tocante aos avanços nas transições ecológica e digital, ninguém deve ser deixado para trás. A sua aplicação é fundamental e é neste aspeto que devemos agora colocar a ênfase.

É assim que podemos aproximar um pouco mais a Europa das expectativas que os nossos cidadãos dela têm. É assim que podemos refletir sobre a mensagem que o eleitorado nos enviou. É assim que vamos concretizar uma Europa mais forte, mais segura, mais justa e melhor para todos os europeus.

E um programa sólido precisa de uma equipa sólida para nos levar avante, uma vez que estes dois elementos são indissociáveis.

Já vos havia informado na semana passada sobre os próximos passos do Parlamento Europeu no processo de eleição da pessoa que presidirá à Comissão Europeia vindoura, mas, em jeito de breve atualização, posso adiantar-vos que, desde o nosso último encontro, Charles Michel participou na reunião da Conferência dos Presidentes do Parlamento Europeu para consultar os líderes dos grupos políticos. O Parlamento Europeu continua a apoiar firmemente o processo dos candidatos cabeças de lista e confirmamos que o Partido Popular Europeu é, uma vez mais, o maior grupo político do Parlamento.

Respeitaremos o processo estabelecido e, depois de o Conselho Europeu nos comunicar o nome da pessoa em causa, convidá-la-emos a reunir-se com os líderes dos grupos na próxima terça-feira. O objetivo deste processo é determinar o candidato capaz de reunir a maioria qualificada necessária no Parlamento para assumir a próxima presidência da Comissão. Alguém com um programa político capaz de integrar as principais mensagens do eleitorado e refletir os pontos de vista da maioria dos deputados.

Permitam-me, uma vez mais, assegurar-vos que os meus colegas e eu estamos prontos para levar a bom porto o processo de eleição do novo presidente da Comissão sem mais demora,

logo que o Conselho Europeu proponha o seu candidato, e para, na sequência deste processo, realizar as audições dos comissários.

Muito obrigada.